



Rádio de poste: o início da sonoridade elétrica em Rondônia¹

Evelyn Iris Leite Morales Conde²

Elaine dos Santos Barbosa³

Nilton César da Silva⁴

Universidade Federal de Rondônia – Unir

Resumo

O estudo a ser relatado de maneira descritiva é fruto dos primeiros resultados de uma pesquisa macro sobre a inserção do rádio em Rondônia. Este artigo é resultado de pesquisa bibliográfica e de campo e contextualiza historicamente a inserção do rádio de poste nas cidades rondonienses: Guajará Mirim, em 1950; Ji-Paraná, em 1969; Cacoal, em 1972; Pimenta Bueno, em 1974; Ariquemes, em 1976, e antes, na Porto Velho de 1949.

Palavras-chave: Rádio de poste, rádio; Rondônia.

Introdução

Em caráter bibliográfico e descritivo cronológico são relatados dados e datas realacionados à inserção do rádio de poste em Rondônia e o funcionamento destas. O presente artigo destaca a definição de alguns autores sobre a comunicação através do rádio, sua linguagem e, especialmente, a comunicação radiofônica de poste. Assim, evidencia-se, o início da transmissão por circuito elétrico no interior e capital do Estado, em uma época em que a transmissão via ondas eletromagnéticas não era então uma realidade local.

Para a identificação histórica desta transmissão, o artigo passeia pelos relatos bibliográficos empíricos do pesquisador Lúcio Albuquerque (2009) e da historiadora Yêda Pinheiro Borzacov (2007) para o recorte radiofônico alternativo nas cidades de Guajará Mirim, em 1950; Ji-Paraná, em 1969; Cacoal, em 1972; Pimenta Bueno, em 1974; Ariquemes, em 1976, mas antes, na Porto Velho de 1949, com a fundação do Alto Falante do Rio Madeira e sua utilização como forma de manifestação popular.

¹ Trabalho apresentado no DT - Audiovisual, do X Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, 01 a 03 de junho de 2011.

² Jornalista. Professora efetiva da Universidade Federal de Rondônia - Unir, Vilhena-Rondônia. <jornalista1206@hotmail.com>.

³ Jornalista. Graduada pela Faculdade Interamericana de Porto Velho – Uniron. <lanny_pvh@hotmail.com>. (Colaboração de pesquisa de campo Porto Velho)

⁴ Jornalista. Graduado pela Faculdade Interamericana de Porto Velho – Uniron. <niltonpib@hotmail.com>. (Colaboração de pesquisa de campo Porto Velho)



Quanto à conceituação de rádio de poste, utilizou o termo como um sistema de comunicação que usa cabos de som ligados a cornetas ou caixas acústicas instalados nos postes de iluminação de uma determinada rua. A transmissão é feita nas zonas centrais comerciais das pequenas e grandes cidades, tendo como característica principal a transmissão de publicidade e música.

Outra peculiaridade neste trabalho é o papel deste meio de comunicação, antes da inserção do rádio de ondas eletromagnéticas nas pequenas cidades do interior do Brasil e até mesmo nos dias atuais, de maneira mais acentuada. Para isso, toma-se como base, as contribuições de Cecília Peruzzo (2009) sobre o compromisso do comunicador social para com a comunidade no sentido de dar voz à população; sendo esta a função das rádios comunitárias, como a própria pesquisadora define. O rádio de poste, mesmo não sendo caracterizado como comunitária, vem antes mesmo desta conceituação radiofônica para contribuir, de certo modo, com semelhante premissa em caráter alternativo.

Dentro da perspectiva de lançar à comunidade uma diferente forma de comunicação, ou melhor, fazê-la participar desta ação, o artigo menciona também os estudos de Felipe Pena no tocante ao jornalismo comunitário. Mas não só pelo caráter jornalístico, e sim, pela oportunidade de fazer e obter informação. “O jornalismo comunitário atende às demandas da cidadania e serve como instrumento de mobilização social” (2005, p. 185). Sendo assim, num recorte abrangente da comunicação, as rádios de poste também supria, grosso modo, a carência de informação em uma determinada comunidade.

Neste artigo, observa-se que nas rádios de poste os anúncios e recados eram repassados e assimilados como um grande boca-a-boca eletrônico/elétrico. Era como relembra Milton Jung na obra *Jornalismo de Rádio*, ao descrever a seguinte cena:

“Lá longe se ouve o som do alto falante da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, ponto de encontro dos rapazes e moçoilas do bairro de Higienópolis, na zona norte de Porto Alegre, no início dos anos 50 [...] Dos alto-falantes dos postes surgiram muitos locutores famosos. Assumiram o microfone na quermesse ou na festinha de fim de semana imaginando que um dia apareceria a oportunidade na emissora da região” (2005, p. 65).

Além da espera desta oportunidade do locutor, quem ouvia tinha outra oportunidade imediatamente contemplada: receber a informação - seja qual fosse. Sendo



assim, cumpria-se uma função social, colocando em destaque a prestação de serviço público, mesmo com a leitura de um simples recadinho romântico.

Cita-se ainda Jung sobre a evolução deste modelo de transmissão da oralidade, que naquela época, surpreenderia a muitos.

“Nenhum dos locutores que passaram pela rádio-poste poderia imaginar que um dia haveria tecnologia suficiente para levar o mesmo som do alto da colina para qualquer ponto do planeta. Um via não concebida mesmo por aqueles que estudavam os veículos de comunicação por volta de 1950” (*Idem*, p. 66).

Mas ainda havia um caminho longo a seguir, principalmente no tocante à utilização deste veículo como manifestação popular. Cecília Peruzzo define bem que a veia popular na comunicação é o caminho por onde passam as alternativas para a própria comunidade. “A primeira corrente ao qual podemos chamar de popular é a alternativa e comunitária, e é constituída por iniciativas populares” (2009, s/p). Portanto, é e foi através da população que surgiu esta viabilização comunicacional para poder manifestar sua própria opinião.

A respeito do caráter publicitário, que resiste até os dias atuais, este trabalho destaca a opinião de empresários, proprietários de rádios de postes da capital de Rondônia e até os próprios ouvintes, que demonstram lucidez sobre o papel que as empresas têm no contexto de apoiar este formato de comunicação, anunciando seus produtos e serviços, ocasionando a abrangência destas rádios nos bairros das pequenas cidades. Isso faz com que a comunidade se informe de produtos e serviços disponíveis localmente, como um recorte peculiar do que hoje é anunciado nas grandes rádios em ondas médias. A diferença pode estar na aliança da informação com a venda e o entretenimento totalmente localizados, cativando ouvintes e também clientes para a manutenção das próprias rádios de poste.

Nesta linha, contextualiza-se brevemente esta manifestação sonora em Rondônia, sendo destacada a prática inicial nas principais cidades, bem como o papel deste veículo, a opinião de proprietários de rádios de poste em Porto Velho sobre a continuidade da utilização desta alternativa depois de 60 anos, e também a menção de ouvintes a respeito deste veículo de comunicação.



A Rondônia de 1949: o pau-do-fuxico em Porto Velho

Mais de três décadas após o fim da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (1907-1912), Porto Velho registra a primeira transmissão de informações no rádio de poste. Fato relatado por moradores da época e em notícias de jornais, como descreve o historiador Lúcio Albuquerque (2009).

Comunicação que foi precedida por outros meios, como a primeira edição de notícias impressas, em 1891, através do jornal *Humaythaense*; a tão esperada linha telegráfica do então major Cândido Rondon, com início de implantação em 1907, prevendo transmissão entre Cuiabá e Vila de Santo Antônio do Rio Madeira; um ano depois, a instalação das primeiras linhas telefônicas do canteiro de obras do complexo Madeira-Mamoré, com direito à telégrafo de Rondônia à Nova Iorque; a primeira reportagem fotográfica da região, através das lentes do norte-americano Dana B. Merrill; o alternativo jornal-mural *O Bilontra*, com circulação nos postes de Santo Antônio; referencia-se também, a composição da radiotelegrafia ZVP 2^a, em 1948, descrita pela historiadora Yêdda Borzacov (2007) como um dos recursos eletrônicos de comunicação social instalados em Porto Velho, entre outras tantas datas e ações históricas na comunicação antes da primeira metade do século XX em Rondônia.

Do alto de um poste no centro da cidade de Porto Velho, Humberto Amorim, Petrônio Gonçalves e alguns auxiliares, instalaram em 1949, o que seria o primeiro veículo transformador da simples oralidade individual ou boca-a-boca em mediatização popular simultânea, segundo relatos da obra *Da caixa francesa a internet* (2009).

“[...] foi o ‘pau-do-fuxico’ o primeiro sistema eletrônico de transmissão radiofônica em Rondônia, fundado por Fuad Nagib, que o vendeu a Amarim por 2 mil cruzeiros [...] este serviço funcionou nos altos da lanchonete Delta (Barão do Rio Branco com José de Alencar) e, finalmente, numa casa da avenida Sete de Setembro, entre as ruas João Goulart e Guanabara, encerrando suas atividades na década de 1980, com o nome de Voz da Cidade” (ALBUQUERQUE, 2009, p. 51).

O autor complementa que naquela época, era comum haver programas de entrevistas no pau-do-fuxico de Nagib com artistas que visitavam a cidade.

No ínterim do funcionamento do veículo de Fuad Nagib, no centro de Porto Velho, surgiria em 1954, outra rádio de poste, como um serviço de alto falante na torre



da catedral Sagrado Coração de Jesus, sob a coordenação do padre Miguel Ângelo Carneiro Bastos. Lá, as transmissões começavam às seis da manhã, ao meio dia e as dezoito horas. Horários estratégicos para as mensagens da igreja. Em dias de festa, a rádio improvisada servia como ferramenta de comunicação de bingos, recados eclesiais e até mensagens de casais enamorados. “O pau-do-fuxico era por onde as pessoas tomavam conhecimento das novidades, sabiam o que ‘rolava’ no noticiário, e até também por onde muitos casais ataram relacionamento, na oferta de músicas e mensagens” (*Ibidem*, p. 52). Fato peculiar ao caráter da função social de um veículo como o rádio de poste.

O rádio de poste antecede às ondas hertzianas: recortes pelo interior de Rondônia

Com o surgimento das rádios de poste em Porto Velho, o interior de Rondônia se viu tentado às novas possibilidades de transmissão da informação para suas comunidades. É, neste contexto, os alto falantes seriam alternativas concretas para amplificar a voz do cidadão e a oportunidade de uma nova mídia em algumas cidades, como destacado neste artigo: Guajará Mirim, Ji-Paraná, Cacoal, Pimenta Bueno e Ariquemes. Municípios citados pela relevância e destaque geográfico, econômico e populacional no Estado.

A primeira cidade do interior de Rondônia a ter registros de instalação de uma rádio de poste é Guajará Mirim. Município fundado em abril de 1929, localizado na região do Madeira-Guaporé, tendo fronteira à oeste com a Bolívia (IBGE, 2010).

Descreve Albuquerque (2009) que um cidadão, Valdemar Lemos, possuía ‘bocas-de-som’ que foram instaladas próximas a uma antiga caixa d’água da cidade, ao lado de uma agência do Banco do Brasil. Era lá que eram transmitidas informações dos mais variados gêneros: horários de missas, fatos do dia de Guajará Mirim, o horário de chegada e partida do trem, programação musical, publicidade e também entrevistas com autoridades. “É preciso olhar com atenção para a importância social representada pelos que atuavam com os serviços de alto falante. É só contextualizar no tempo que se verifica o quanto de bons serviços que eles prestaram aos demais moradores” argumenta o historiador Matias Mendes (1984).

E é neste contexto que as rádios de poste do interior do Estado se fortaleceram e muitas permaneceram. Somente depois destas transmissões é que Guajará Mirim recebe



a sua primeira emissora de rádio, a Educadora, em 1964 (mas em caráter experimental em 1962), sob a responsabilidade da igreja católica.

Na sequência histórica, eis Ji-Paraná, município fundado em 1977, localizado na região central de Rondônia, a 373 quilômetros da capital e com a segunda maior população do Estado. É nesta região, que a partir da segunda metade da década de 1970, surgiria a primeira transmissão de uma voz feminina em um veículo social com características radiofônicas. Justamente em uma rádio de poste, ou o pau-do-fuxico, como lembrado pelo historiador Albuquerque (2009) ao identificar o ano de 1960 como o início do serviço de alto falante naquela cidade.

O cidadão Sebastião Esaú seria o responsável pela instalação do rádio alternativo em um ponto de ônibus no centro de Ji-Paraná. Nas transmissões, que muitas vezes eram interrompidas por falta de energia elétrica, eram ecoadas vozes como as de Ivanilda Caires, Manoel Pinto da Silva, Gilardo Rios, estes dois últimos, que em 1973 compraram o serviço e o transferiu para o ‘Mercado Modelo’ “[...] local onde hoje é o Teatro Dominginho. O alto falante fechou em 1977, quando foi para o ar a Rádio Alvorada” (*Idem*, p. 71).

O rádio convencional chega ao município e desbanca o veículo alternativo, pois põe em prática a previsão de Jung (2007) sobre a vontade dos locutores em participar de transmissões em emissoras *hertzianas*.

E foi o que aconteceu em Ji-Paraná, local onde o rádio de poste é raro pela cidade, mas tem o destaque histórico no Estado, por ser o município pioneiro na instalação de uma rádio comunitária.

Na Cacoal de 1972, antes mesmo de sua emancipação política, datada de dezembro de 1977, o município localizado na parte leste do Estado (IBGE, 2010) registraria sua primeira transmissão via rádio de poste. Em relatos da historiadora Lourdes Kemper (2002), o primeiro serviço de alto falantes da cidade era de responsabilidade do cidadão Geremias José de Lima.

Logo surgiria a primeira agência dos Correios e na emancipação da cidade, a primeira transmissão direta do interior para Porto Velho para a rádio Caiary. O fato, a própria fundação do município, foi transmitido pelo radialista Pinheiro de Lima e logo depois, a narração de um jogo de futebol (ALBUQUERQUE, 2009).



Somente em 1981 que Cacoal receberia a primeira emissora de rádio fixa no município: a Rondônia FM.

Em Pimenta Bueno, sudeste de Rondônia - um dos primeiros municípios a receberem a Expedição de Cândido Rondon para a instalação das linhas telegráficas no Estado -, o rádio de poste surgiria dois anos depois da primeira transmissão em Cacoal.

A cidade, fundada em setembro de 1977, teve seu primeiro sistema de alto falante de 1974 a 1986. O cidadão José Batista, “conhecido pelo apelido de Seu Dedé” (*Ibidem*, p. 73), era o responsável pelo equipamento.

“Um dos locutores da época do ‘pau-do-fuxico’ foi Adilson da Silva, que montou uma boca de som sobre uma caminhonete e saía pela cidade fazendo propaganda e noticiando os últimos acontecimentos da região, numa época em que muita gente estava chegando e nada conheciam dali” (*Ibidem*).

Seguindo a próspera ligação entre locutores de rádio de poste e posterior ascensão para rádio de amplitude o frequência modulada, o filho de Adilson da Silva, Paulo de Tarso, acabou fazendo sucesso na cidade como locutor e logo animador de comícios políticos de Pimenta Bueno, segundo relata ainda o historiador.

A decadência do sistema de alto falante ou rádio de poste em Pimenta Bueno coincide com a situação de Ji-Paraná. É justamente com ao início da transmissão da emissora Rondônia FM, em 1986, que finda o funcionamento d’*A Voz da Cidade*.

Dois anos após a primeira transmissão de alto falante de Pimenta Bueno, surgiria o pau-do-fuxico também da região do Vale do Jamari. Em 1976, as bocas de som instaladas na primeira estação rodoviária de Ariquemes deram origem ao sistema alternativo de oralidade mediatizada no município. “Pela manhã cedo o ‘Cici’, dono do serviço, ligava o equipamento e quem estivesse dormindo que desse se jeito” (*Ibidem*, p. 69). Relata Albuquerque ao destacar que o prédio onde estavam as caixas de som, abrigava também um restaurante e um hotel.

Mais uma vez, aquela era uma alternativa de manter-se informado, uma vez que as cidades do interior de Rondônia estavam em formação e constantemente muitas pessoas chegavam nos municípios sem qualquer ideia ou noção dos fatos locais. O pau-do-fuxico era um veículo onde escutava recados de parentes, localizações de empresas e comércios, hora e notícias.



Entre as assimilações com os demais sistemas instalados em Rondônia, assim com em Ji-Paraná, e, de certo modo, em todos os municípios do interior de Estado nas décadas de 1970-1980, o rádio do *Seu Cici* sofria interrupções contínuas por causa da falta de energia elétrica.

Anos mais tarde, Ariquemes ganhava a primeira emissora de rádio da cidade, a Rádio Ariquemes, com vozes marcantes como de Claudiné Almeida, como descreve Albuquerque (2009), sendo um nome importante no processo de ligação da comunicação entre os municípios daquela região, naquela época.

O fuxico permanece: informação e publicidade há 60 anos nos postes da capital

As instalações das rádios de poste são realizadas por cabos de eletricidade interligados a um transformador de 70v, este ligado na saída de um amplificador. Informação, música e entretenimento são transmitidos com uma potência que pode ultrapassar 300w e distâncias acima de 200 metros.

Antes – de 1949 a 1976 - não havia burocracia para tal instalação. Atualmente são necessárias autorizações das Centrais Elétricas de Rondônia - Ceron e liberações especiais da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, por conta da poluição sonora.

As caixas de som utilizadas atualmente nos postes de Porto Velho são especializadas. O proprietário da rádio Digital, localizada na zona Sul do município, Osvaldo Evangelista (2009) menciona que a produção destes equipamentos recebe ferro diferenciado e uma tela de proteção contra chuva e sol. Há também uma manutenção trimestral.

Além de todo o cuidado especial com o equipamento, a programação também é peça-chave para a permanência deste veículo em cerca de seis décadas em Rondônia. A prestação de serviço que começou nas torres de igrejas, postes de rodoviárias ou feirinhas resistem na capital como forte ferramenta de comunicação à comunidade.

Em relatos para esta pesquisa, moradores da periferia recordam e comentam exemplos de informações que só tiveram acesso através das rádios de poste de sua comunidade. Eliton da Silva Souza (2009), que reside no bairro Tancredo Neves, zona Sul da cidade, relata que após a implantação da rádio houve uma série de transformações onde mora. O ouvinte argumenta daquela região não tinham acesso a informações da própria localidade. “Não ficávamos sabendo, por exemplo, de curso que



a associação do bairro realizava, tínhamos que se deslocar de nossas residências até a associação para saber as programações de curso e eventos de nosso interesse” (*Idem*).

Souza (2009) afirma ainda que se interessa pela programação da rádio e os anúncios publicitários, pois assim fica sabendo das promoções das lojas da região e conhece as atividades que são realizadas nos outros bairros onde estão instaladas as demais caixas de som. Ele admite que, no início, não tinha gostado da nova opção de mídia, pois acreditava que a poluição sonora na comunidade era demais, mas acabou se interessando quando uma caixa de som foi instalada nas proximidades da sua casa e passou a participar da programação.

As histórias são diversas sobre o interesse das pessoas pelas informações transmitidas nos rádios de poste da periferia. Um exemplo observado é a de um grupo de adolescentes da rua Altemar Dutra, também bairro Tancredo Neves, que no período da tarde brincavam de pipa. Na rádio de poste estavam sendo divulgadas informações sobre um torneio de futebol de salão que iria acontecer em uma das escolas localizadas na comunidade. O grupo parou, prestou atenção e foi buscar informação do torneio. Desde então eles passaram a valorizar a programação da rádio. Passava-se a compreender que àquele veículo não era de interesse de alguns e sim de todos.

E a publicidade segue como gênero predominante nestas rádios. Em outra transmissora localizada no bairro JK, zona Leste de Porto Velho, o proprietário da rádio MK, Antônio João Perkoski (2009), relata que a maioria dos participantes da programação radiofônica é funcionários de lojas “apoiadoras culturais”. Ele menciona que:

“Como as caixas de som são instaladas em frente das próprias lojas, os donos são os que mais interagem na programação, mas o público que fica em casa e tem as caixas de som instaladas nas proximidades da residência acabam participando também” (PERKOSKI, 2009).

De 1949 até 2009, percebe-se que os equipamentos de som chamam a atenção de quem passa e sempre estão em lugares de grande movimentação, com isso a comunidade passa a ter comodidade, pois tanto de suas residências quanto nas ruas indo fazer compras, sempre está ali o pau-do-fuxico, pronto para transmitir as novidades do bairro.

Entre as rádios de poste em funcionamento atual em Porto Velho estão:

- **Rádio Digital** da zona Sul, com dez anos de fundação. Seu proprietário, Osvaldo Santos Evangelista (2009), descreve a função da transmissora:



“Ela funciona quase igual a uma emissora de rádio, nós abrimos espaço inclusive para as igrejas evangélicas e também para as igrejas católicas. Nós abrimos espaço tanto para as associações, porque ela trabalha com um sistema comunitário. Então, a nossa programação não tem especificamente um programa a ser apresentado. Trabalhamos diariamente com utilidade pública, música e os informes publicitários” (*Ibidem*).

Atualmente são 330 caixas de som instaladas nas principais ruas e avenidas consideradas de comércio na região Sul de Porto Velho, com abrangência de 14 bairros. A escolha pelo trabalho com o rádio de poste foi pela comunicação direta e personalizada.

- **América Som**, no bairro Igarapé, zona Leste de Porto Velho. O proprietário, Zacarias de Jesus Chagas Soares (2009), destaca que em nove anos, a rádio acumula a transmissão em 150 caixas de som instaladas nas principais ruas e avenidas dos bairros Nossa Senhora das Graças, Nova Porto Velho, Jardim das Mangueiras, Igarapé e parte do bairro Embratel. A intenção primária era trabalhar com publicidade, o que permanece atualmente, por se tratar “de algo que sustenta melhor a rádio” (*Idem*). O quem tem se revelado comum entre as rádios de poste de qualquer época.

- **MK Publicidade**, localizada no bairro JK I, também zona Leste do município. Tem como proprietário Antônio João Perkoski, conhecido popularmente como Maícon da MK.

A rádio surgiu no início de 2003 atuando há seis anos com 160 caixas de som instalados pelos 12 bairros da zona Leste de Porto Velho, somente nas principais ruas e avenidas dos bairros Tancredo Neves, Três Maria, JKI, JKII, JKIII, Esperança da Comunidade, Mariana, São Francisco, Marco Freire, Ulisses Guimarães, Socialista e Jardim Santana.

Maícon da MK (2009) relata que gosta de trabalhar com esta mídia alternativa, pois ajuda na interação da comunidade e a população participa da programação estabelecida pela rádio, que funciona de segunda a sábado, das 8h às 18h.

Nesta rádio 30% do conteúdo são dedicados ao trabalho social. “Nós buscamos ajudar nossos patrocinadores e anunciantes e tentamos chamar atenção deles para conseguir realizar o sonho de muita gente que liga, escreve pra gente”, explica Perkoski (2009).



Assim como nas demais rádios, a publicidade foi o chamariz da MK:

“Os próprios lojistas do bairro me incentivaram a comprar essa agência de publicidade que já funcionava nos bairros e estava falindo. Garantiram fazer a propaganda comigo, e no primeiro mês de propaganda foi um sucesso total. Arrecadamos uma quantia muito alta, mais alta do que eu esperava” (*Idem*).

Assim, mais uma rádio de poste persistia no campo da comunicação alternativa, tendo como aliada a publicidade, mas mantendo a linha popular de informação e entretenimento.

- **Rádio Millenar**, localizada na avenida Terreiro Aranha, na galeria Eldorado. O proprietário, José Bernardo Monteiro (2009) conta que trouxe a ideia e há 20 anos acumula experiência no ramo e 28 empresas de comunicação alternativa em toda Rondônia.

Na capital são 170 caixas de som espalhadas pelo centro da cidade e seu sistema conta com informatização. A rádio possui até site <www.milenar.com.br> de onde pode ser escutada a programação que sai nas caixas das ruas. A prestação de serviço é a marca da transmissora, aponta:

“Realizamos comunicado de doação de sangue, também realizamos informativos de entidade religiosa e eventos comunitários sem cobrar um centavo. Trabalhamos também com utilidade pública, como hora certa, informativos de perda de documentos e crianças. Além de ter comunicados de educação de trânsito e ambiental. Então tudo isso são maneiras que nós temos de utilizar o nosso veículo de comunicação, colaborando com a sociedade e garantindo o direito do cidadão, não visando somente o lucro” (*Ibidem*).

Seguindo a linha da permanência, com apoio cultural nas publicidades de poste, Monteiro destaca que os gastos são altos para manter a rádio no ar, por isso a busca por novos anunciantes para conseguir manter os a programação no ar é uma constante.

Considerações

Com a pesquisa inicial, observou-se que as primeiras transmissões com linguagem que assemelha-se à radiofônica no interior de Rondônia surgiram pela necessidade de uma forma alternativa de comunicação. Desde a primeira transmissão, relatada e descrita em obras locais, feita em Porto Velho, em 1949; até 1976, com a



transmissão três décadas mais tarde em Ariquemes, região do Vale do Jamari, é possível compreender o quão este veículo ganhou força, e mesmo sendo, supostamente, em menor alcance de audiência com a chegada das rádios *hertzianas*, de alguma forma, resiste nos dias atuais com publicidades e informações de cunho opinativo e referencial.

Nesta breve análise sobre a atualidade, a pesquisa revelou o caráter publicitário deste veículo alternativo, que antes, era uma das únicas formas de comunicação popular mais acessível, com adesão de uma parcela considerável de determinadas comunidades em cada cidade, com seus propósitos de transmissão delimitados por cada grupo nas cidades do interior e capital do estado de Rondônia.

É importante destacar a viabilidade destes veículos nas cidades do interior de Rondônia, em épocas onde a própria energia elétrica era falha e nem por isso estas ferramentas deixaram de ser utilizadas para a comunidade. Outro aspecto importante, reforçado pela premissa da Peruzzo, é a inserção do veículo ou da forma diferenciada de comunicação, a partir da própria comunidade, com instalações alternativas e por personagens comuns das cidades mencionadas. Entra aí o caráter do ser social fazendo sua parte para a mobilização social a partir de veículos de comunicação, mesmo com interesses sobrepostos.

Por fim, caracterizar também, o prestígio do alto falante, pau-do-fuxico ou rádio de poste com as comunidades mais afastadas dos grandes centros, que o veem como um importante instrumento de interação e formação de opinião na comunidade. Isso, levando em consideração que, mesmo com a chegada da rádio *hertziana*, a população de muitos bairros que possuem rádios de poste instalados pelas ruas, tem como opção a própria rádio de poste ao em vez das rádios comerciais.

Este artigo é o resultado inicial de uma pesquisa macro, que, em nova etapa, utiliza-se do método de história oral para caracterização histórica deste veículo de comunicação, por meio de relatos da população e personagens envolvidos no desenvolvimento da comunicação do Estado.



Referências

- ALBUQUERQUE, Lúcio. **Da caixa francesa à internet: 100 anos de imprensa em Rondônia**. Porto Velho: S/E, 2009.
- BORZACOV, Yêdda Pinheiro. **Porto Velho – 100 anos de história 1907-2007**. Porto Velho: Acadêmica de Letras de Rondônia, 2007.
- EVANGELISTA, Osvaldo Santos Evangelista. Entrevista sobre a **história da rádio de poste Digital**. Gravação MP3: 20 agos. 2009.
- JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto, 2005.
- KEMPER, Lourdes. **Cacoal - sua história e sua gente**. Cacoal: Grafopel, 2002.
- MENDES, Matias. **Síntese da literatura de Rondônia**. Porto Velho, S.N., 1984.
- MONTEIRO, José Bernado. Entrevista sobre a **história da rádio poste Millenar** em Porto Velho. Gravação MP3: 20 jun. 2009.
- PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- PERKOSKI, Antônio João. Entrevista sobre a **história da rádio de poste MK Publicidade**. Gravação: 4 de jun. 2009.
- PERUZZO, Cecília M. K. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária no Brasil**. Disponível em:
<http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/midia_local_e_interfaces.pdf>. Acesso em: 10 maio 2009.
- SOARES, Zacarias de Jesus Chagas e Kátia Velino de Souza. Entrevista sobre a **história da rádio de poste América Som**. Gravação: 3 jul. 2009.
- SOUZA, Eliton da Silva. Entrevista sobre a **programação da rádio poste MK Publicidade**. Gravação: 26 jul. 2009.